

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Silvia Regina Firmino Britto

**RESSIGNIFICANDO A DIFICULDADE DE
APRENDIZAGEM COM A FAMÍLIA**

Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia

SÃO PAULO

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Silvia Regina Firmino Britto

RESSIGNIFICANDO A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM COM A FAMÍLIA

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Castro Gasparian.

SÃO PAULO

2020

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a minha filha Maria Flor com quem
aprendi o que é amor incondicional.

Agradeço à minha orientadora Maria Cecília Castro Gasparian, por ter me encorajado a contar minha vivência psicopedagógica, deixando-me mais confiante a desvendar os mistérios do não aprender.

Agradeço a paciência, dedicação e carinho da minha supervisora Silvia Sant'Anna que disponibilizou seu tempo para compartilhar minhas dúvidas, conflitos e aprendizagem.

RESUMO

A psicopedagogia ultrapassa o estudo do processo de aprendizagem em sentido específico, pois é um campo de práticas e reflexões. Isto porque abrange a família, a escola, o professor, o aluno, as interações sociais, as emoções e outras questões que vão além do ensinar e do aprender. Neste trabalho descreve-se o diagnóstico e o atendimento psicopedagógico de Heron, um menino que apresenta dificuldades de aprendizagem. Apontado como aluno desinteressado pela escola, considerado desatento pela família, busca entre erros e acertos realizar as tarefas escolares, sem compreender ao certo a sua utilidade. Por meio da intervenção psicopedagógica procurou-se identificar a causa e tratar o sintoma do não aprender. Considerando que o aprender esta emocionalmente ligado ao sistema familiar, empenhou-se em envolver a família no processo de aprendizagem de Heron, uma vez que o laço de dependência, a superproteção e a permissividade, principalmente dos pais, impediam o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia da criança.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Dificuldades de aprendizagem. Família.

ABSTRACT

Psychopedagogy goes beyond the study of the learning process in a specific sense, as it is a field of practices and reflections. This is because it covers the family, the school, the teacher, the student, social interactions, emotions and other issues that go beyond teaching and learning. This work describes the diagnosis and psychopedagogical assistance of Heron, a boy who has learning difficulties. He was categorized as a student disinterested in school, considered inattentive by his family, he struggles and makes mistakes, he carries out school tasks, without really understanding their usefulness . Through the psychopedagogical intervention, we tried to identify the cause and treat the symptom of his lack of comprehension . Considering that learning is emotionally linked to the family system, we tried to involve the family in Heron's learning process, due to the bond of dependence, overprotection as well as permissiveness by his parents. His development of key traits such as responsibility and autonomy were stunted.

Keywords: Psychopedagogy. Learning difficulties. Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
 1 – OS RELACIONAMENTOS DE HERON	
1.1 – A FAMÍLIA	11
1.2 - A PROFESSORA	14
1.3 - A ESCOLA	15
 2 – O DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO	16
 3 - O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO	27
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
 APÊNDICE	40

INTRODUÇÃO

A dificuldade de aprendizagem abraça uma considerável parcela de crianças incompreendidas, excluídas e até estereotipadas de preguiçosas. Com problemas de leitura, escrita, raciocínio e compreensão elas pedem silenciosamente auxílio àqueles que poderiam ajudá-las a desvendar o mistério do não aprender, mas não sabem expressar-se oralmente, apenas reagem negativamente aos comandos dos métodos de ensino, seja na escola onde se revelam desatentas, desorganizadas, hiperativas ou em casa onde não correspondem às expectativas da família.

A dificuldade de aprendizagem não escolhe classe social, raça ou gênero, trata-se de um sintoma que independe da vontade pessoal, podendo ser desencadeada por problema cognitivo, emocional, neurológico ou genético.

A psicopedagogia tem por objetivo desvendar o mistério da dificuldade de aprendizagem e está vinculada e influenciada pela pedagogia e psicologia, como também pela psicanálise, linguística, sociologia, neurologia e outras ciências que direta ou indiretamente estudam a aprendizagem humana; auxilia no processo de aprendizagem oferecendo respaldo teórico, metodológico e ético aos profissionais da área. O psicopedagogo, por sua vez observa como o paciente aprende, estimulando-o por meio da exploração de instrumentos interativos de avaliações e intervenções psicopedagógicas, investigando suas necessidades e orientando-o a desenvolver suas potencialidades.

O olhar do psicopedagogo deve ser amplo, olhar além do óbvio, observar o que os olhos não vêem e os ouvidos não ouvem. Madalena Freire, em O Olhar do Observador, sabiamente aponta cinco elementos ao ato da observação: **silenciar**, acalmar os próprios conflitos para observar o pensamento do outro; **escutar**, atentar a palavra não dita, o gesto brusco, a postura rígida; **ver**, analisar o entorno do paciente: a família, a escola, as dificuldades, os problemas, o olhar; **escrever**, pensar, refletir e descrever faz brotar sentimentos adormecidos, pensamentos inesperados; e **participar**, deixar-se envolver de corpo e alma onde o corpo fala o que a alma sente.

É importante que o paciente sinta no psicopedagogo alguém que compreende suas dificuldades e limites e está disposto a ajudá-lo, gerando dessa maneira

confiança no profissional para expor seus problemas e consequentemente colaborando nas suas intervenções.

Fernández (1991, p. 31) esclarece: “A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém, necessária e dialeticamente, os outros dão o sentido”. Observamos em estágios realizados a resistência dos pais aceitarem as dificuldades de aprendizagem dos filhos, pois se assim o fizessem, estariam afirmando que havia problemas dentro de casa. Assim sendo, inconscientemente fecham os olhos e transferem a difícil tarefa para o professor, escola, psicólogos, psicopedagogos ou qualquer outra pessoa que assuma a sua responsabilidade, desde que não alterem a rotina familiar.

Idealiza-se uma família na qual os membros envolvam-se com aquele que apresenta dificuldade de aprendizagem, fazendo do não aprender a integração de todos, com o objetivo de acolher, aceitar, cuidar, encontrando caminhos para desvendar os mistérios, mudar hábitos, repensar os fatores que podem estar afetando emocionalmente e/ou cognitivamente o processo de aprendizagem da criança. No entanto, frequentemente, encontramos outro cenário de organização familiar: pais que não se envolvem, não dialogam, não organizam e nem planejam a rotina, não transferem autonomia e responsabilidade aos filhos, se esquecem de interagir e integrar a família.

Por outro lado, também deparamos com dificuldades no âmbito escolar, há escolas que acolhem (interação, projetos, autoavaliação, inclusão, estímulos) como há aquelas que aprisionam (centralização, programas oficiais, avaliação classificatória, exclusão, restrições). Não há como pensar uma instituição direcionando-se a cada aluno em particular, pois a instituição visa o coletivo e o social que são igualmente fundamentais para a construção do conhecimento e do pensamento. No entanto pode-se oferecer quantidade, qualidade e frequência de estímulos para conscientização e participação do aluno no seu processo de desenvolvimento.

Segundo Polity (2001, p. 23), “quando os pais e a escola oferecem compreensão e ajuda adequadas, muitas crianças demonstram melhora acentuada e sensível redução nos conflitos emocionais resultantes do contínuo fracasso”.

Dessa forma, percebemos a importância da participação da família, bem como a necessidade de parceria da escola no processo de aprendizagem da criança com dificuldades. Cabe ao psicopedagogo articular a integração de ambos, sugerindo medidas a serem aplicadas, a partir da articulação no trabalho individual com a criança observando como se constrói seu aprendizado. Lembrando que a escola ensina a criança a escrever a palavra amor, mas cabe à família ensinar o significado.

Neste trabalho apresentamos o caso de um menino que não gosta de seguir regras, pois traz internalizadas suas próprias normas, prejudicando o seu processo de aprendizagem.

Relatamos o atendimento psicopedagógico de Heron, garoto de nove anos. Seu nome não é este, mas Heron em grego significa herói, e este menino tem grande veneração pelos heróis da tela da TV, principalmente o Super Homem. Além disso, seu nome começa com a letra H e ele tem grande dificuldade em grafá-la com a letra cursiva, uma vez que até pouco tempo só escrevia com letra bastão.

1 – OS RELACIONAMENTOS DE HERON

"Não evite aos seus filhos as dificuldades da vida, ensine-os a superá-las."
(Louis Pasteur)

1.1 - A FAMÍLIA

A reconstrução da história vital foi realizada na residência da família, no horário em que Heron estava na escola. Estavam presentes o pai, 49 anos, zelador e a mãe, 47 anos, dona de casa, ambos não completaram o ensino fundamental. O casal se conheceu na Bahia, terra natal da mãe, o cônjuge é pernambucano, frequentavam a mesma escola de cursos profissionalizantes. Vieram juntos para São Paulo, em 1990, onde casaram e tiveram três filhos.

Heron é o caçula, raspa do tacho, pois tem um irmão de 23 anos, Arquiteto e uma irmã de 19 anos que está cursando Direito. Moram todos juntos, perto da escola, no condomínio onde o pai trabalha.

Após a segunda gravidez a mãe contraiu lúpus, e por isso, frequenta regularmente uma médica que acompanha a evolução e tratamento da doença. Foi surpresa geral quando a genitora ao se internar para fazer laqueadura descobriu que estava grávida de cinco meses. Nem a médica que acompanha o tratamento do lúpus acreditou, foram feitos exames para confirmar a gravidez.

Percebemos que Heron não foi um filho planejado e talvez pouco desejado, já que os planos dos pais para aquele momento eram outros.

O menino nasceu de parto normal, com 2,80 kg e 45,5 cm, a moleira demorou em fechar, nunca chupou chupeta, teve catapora com mais ou menos 15 meses, mamou e usou fraldas até os 18 meses. Antes do primeiro ano de vida, a mãe percebeu a sensibilidade auditiva do filho, quando em uma festa de casamento, a criança chorava compulsivamente e só sossegou quando ela o levou para um ambiente silencioso. A genitora apresentou um exame de fonoaudiologia realizado pelo SUS, que mostrava resultados numéricos, sem um laudo médico anexado. Solicitamos que a mãe retornasse ao médico para obter a explicação, o laudo desse exame. Ter a posse desse laudo é muito importante para os pais, e outros

profissionais que venham a trabalhar com Heron. Para a família, possuir esse laudo ajudaria a entender a razão da sensibilidade auditiva.

Heron começou a andar com dois anos e meio, antes disso se arrastava pela casa, não teve a fase do engatinhar e andar segurando nas coisas. Sem perceber, um dia a criança começou a caminhar, desajeitada, mas foi melhorando com o tempo. A fala só ocorreu por volta dos três anos, com grande dificuldade, desenvolvendo depois dos quatro anos de idade, quando começou a frequentar a Educação Infantil.

Antes da convivência na Escola de Educação Infantil, frequentou por três meses um Centro de Educação Infantil, onde os pais afirmaram que houve rejeição por parte da criança, pois chorava com frequência e apresentava um quadro alérgico sem razão aparente.

Ambos chegaram à conclusão que até os seis anos Heron tinha um sono bem agitado, acordava durante a noite chorando. Atualmente dorme por volta das 21 horas e acorda às 6 horas, sem ocorrências e levanta cedo inclusive nos finais de semana.

Sobre a rotina e obrigações diárias do filho, afirmaram que não havia uma rotina, nem tão pouco, obrigações que a criança devesse seguir, a única prática diária certa era a escola e as lições de casa, realizadas com o pai ou a mãe.

Algumas famílias manifestam sua decepção, sua desaprovação, sua própria cólera em vista dos maus resultados escolares. Outros pais podem apresentar total indiferença, completa ausência de interesse pelas dificuldades da criança. Entretanto, o que se apresenta em comum a essas duas atitudes opostas é que ambas afetam o sujeito em sua totalidade, impedindo que ele cresça de forma natural e satisfatória (POLITY, 1998, p.72).

Quanto aos limites o pai disse que não havia, mas estava percebendo a necessidade de mudanças. Disse que Heron era muito mimado e usou a expressão: “o rei da cocada preta”.

Com relação à dependência afirmou que era total, a mãe quis amenizar, mas o pai revelou: Heron não toma banho sozinho, necessitava de ajuda para se limpar quando usava o banheiro, sabia amarrar os sapatos, mas pedia ajuda e principalmente a mãe fazia o que a criança queria.

Ambos falavam com carinho sobre o filho, percebiam que o mesmo necessita de ajuda psicológica/psicopedagógica, estavam abertos às orientações dos profissionais.

O interfone tocou, o pai precisava sair. Perguntamos para a mãe se o não escrever com a letra cursiva, queixa apresentada no início, quando nos conhecemos, seria realmente a causa da dificuldade da aprendizagem do filho. Os olhos ficam marejados e responde: “eu acho que a sensibilidade auditiva atrapalha no relacionamento com os colegas e também está difícil lidar com a teimosia do Heron para realizar as tarefas escolares”.

Uma das realidades mais difíceis para um pai é que seu filho é diferente. Nem pior nem melhor, simplesmente diferente e com um ritmo próprio de crescimento, desenvolvimento e amadurecimento (ROSAS, 2010, p.13).

Sentimos que os pais não aceitam a dificuldade de aprendizagem do filho, ignoram sua limitação, acreditam que a rebeldia de Heron se dá por vontade própria, não entendem o que estão fazendo de errado, agem com o caçula como agiram com os filhos mais velhos, não compreendem a necessidade de mudar o comportamento, educação, estímulo, uma vez que cada filho apresenta necessidades emocionais diferentes. Para a mãe, se tivesse outra professora na classe para auxiliá-lo e direcioná-lo todo o problema estaria resolvido, tanto que ficou decepcionada quando disse que não trabalharia na classe do menino. Talvez a falta de uma rotina em casa, bem como a ausência de limites prejudica o desenvolvimento do aluno na escola.

O sintoma para a mãe está pautado na ausência da escrita cursiva, que faz com que o aluno não preste atenção no quadro negro, distraído-se na sala de aula com conversas paralelas e brincadeiras, utilizando-se do material escolar para guerrear com os colegas, fazendo com que constantemente perca lápis, borracha, apontador, além de esquecer frequentemente o livro de atividades na sala de aula e não zelar pelo caderno (capa rasgada, orelhas, desenhos, lição inacabada).

A mãe afirma que todos os membros da casa ajudam Heron nas tarefas escolares, a lição de casa solicitada pela professora é realizada. Atribui à professora parte da dificuldade do aluno, pela falta de paciência.

1.2 - A PROFESSORA

A queixa da professora com relação ao aluno foi sobre o comportamento agitado, sensibilidade auditiva e falta de tolerância. O aluno tem capacidade para aprender, tanto que no início do ano letivo não lia, nem escrevia, mas conseguiu terminar o ano alfabetizado, no entanto ele tem comportamento disperso e o aprendizado se dá somente quando consegue concentrar-se.

Acredita que ele fez a opção pela letra bastão por facilidade, talvez não aceite a letra cursiva por ser mimado, fazendo somente o que tem vontade. Quando ela escreve na lousa com letra cursiva, ao invés de falar que não entendeu ou olhar nos cartazes expostos na parede da sala a letra correspondente, ele começa a gritar, atrapalhando a classe inteira. A professora ainda complementa: “quando as coisas saem do padrão habitual que o Heron segue, ele tem crise existencial”.

Em uma briga na sala de aula ele jogou uma carteira em cima do colega de classe, tem uma força descomunal quando está com raiva. Quanto à sensibilidade auditiva, esta varia de acordo com o tipo de barulho e seu humor, então quando está bem, faz bagunça, quando não está quer que a classe fique em silêncio e compreenda sua dor.

Para muitos jovens, aprender pode ser um desafio. Isso não indica, necessariamente, dificuldade de aprendizagem. Indica apenas que toda criança tem seus pontos fortes e seus pontos fracos na aquisição do conhecimento. Algumas têm grande capacidade de ouvir, assimilam muitas informações simplesmente ouvindo. Outras têm mais facilidade com o visual, aprendem melhor lendo. As questões se complicam quando é oferecido para a criança apenas uma forma de aprendizagem, que às vezes é justamente aquela na qual ela tem dificuldade (POLITY, 1998, p.79).

Infelizmente notamos um esgotamento emocional e físico da professora. Ela mesma dizia sentir-se estafada neste momento do ano (novembro), pois de vinte e oito alunos, pelo menos dez apresentam problemas aparentes.

Observamos que a professora não estava conseguindo prestar atenção em cada olhar, são tantos olhares diferentes, não havia tempo suficiente para desvendar cada um.

Há uma exaustão mental e corporal para o cumprimento de múltiplas jornadas de trabalho; há inclusão a ser realizada sem a devida formação; há programas

oficiais a cumprir. Como diz Cortella (2015, p.50), “uma pessoa que se restringe a cumprir a obrigação se fragiliza diante daquilo que poderia fazer”.

1.3 – A ESCOLA

A Escola Estadual está instalada em uma antiga residência, conta com apenas seis salas de aula, uma pequena recepção, uma sala maior, dividida por biombos onde acomodam a diretoria, monitores e secretaria, há uma quadra descoberta que faz também a vez de pátio, onde as crianças correm, brincam, lancham. Funciona no período da manhã e tarde, para Ensino Fundamental I – anos iniciais, isto é, até o 5º ano. Heron estuda das 7h às 11h30.

O coordenador e a diretora da escola gostaram e aceitaram prontamente a proposta para realizar-se o diagnóstico psicopedagógico com Heron. Foram receptivos apresentando o prontuário do aluno, e questionaram a falta de resposta dos pais às solicitações de uma consulta psicológica para o aluno.

Heron estudava nesta escola desde o primeiro ano, e sempre apresentou dificuldades de aprendizagem. A escola utiliza-se da progressão continuada como forma básica de ensino, onde não há reprovação, mas há recuperação, por aulas de reforço. O aluno está matriculado no terceiro ano e frequenta o reforço escolar.

Quando se trata de problemas de aprendizagem escolar, de nada adianta medidas como o reforço ou a aula particular apenas. Seria como ministrar o antitérmico sem o antibiótico, ou seja, combater a febre sem tratar a infecção (BOSSA, 2000, p.12).

Em toda escola, principalmente a pública, há fatores de intervenções extraescolares, os quais a administração não conseguirá intervir; e há fatores intraescolares, que dependem de decisões internas, feitas pela administração e professores que se unem em prol do trabalho pedagógico realizado na escola, criando novas competências para ensinar todos os alunos. Talvez, na escola onde Heron frequenta, haja uma falta de integração, que seria fundamental, entre administração, docentes, alunos e pais.

2 – O DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

"Quando vejo uma criança, ela inspira-me dois sentimentos: ternura pelo que é e respeito pelo que pode vir a ser."
(Louis Pasteur)

A necessidade de realizar um diagnóstico psicopedagógico para ter a prática e cumprir o currículo do curso de Psicopedagogia nos levaram a procurar uma escola onde pudesse atender um aluno com dificuldades de aprendizagem. As coincidências da vida nos guiaram a uma Escola Estadual onde o professor-coordenador indicou o menino Heron queixando-se da sua falta de atenção na aula, desorganização, não somente do material, mas também no caderno, saída constante da sala de aula e comportamento infantilizado (fala gemendo, chora nas desavenças com os colegas, não segue regras). Relatou também que desde que entrou na escola usa um protetor auricular na hora do intervalo, em razão do barulho. A mãe da criança, ao realizar a anamnese, expôs a dificuldade que o filho apresentava em escrever com letra cursiva, sabia escrever com letra bastão, mas demorava demasiadamente para copiar as lições da lousa, prejudicando o seu desempenho escolar, pois a professora apagava o quadro negro antes de ele terminar de copiar a lição.

Mesmo com a falta de experiência, percebemos que algo estava errado, as queixas eram bem diferentes. Notamos que a mãe aceitou que o filho participasse do diagnóstico psicopedagógico mais em razão da sugestão da escola e nem tanto pela dificuldade que a criança apresentava. E disse a seguinte frase que saiu quase como um pensamento alto: "Ele é muito preguiçoso nesta parte do quadro negro, mas não sei se é preguiça ou pavor". O sintoma não estava perceptível pela mãe, apenas desejava que o filho melhorasse o desenvolvimento escolar, pois não sabia o que fazer com as reclamações da professora e do coordenador.

O aluno participa do programa "Mais Educação", uma espécie de reforço escolar, as segundas e quartas-feiras, no contraturno do horário das aulas.

No seu prontuário escolar não há nenhum laudo médico. Encontramos o pedido de um psicólogo, datado de um ano e meio atrás, solicitando saída mais cedo da aula, quinzenalmente, às sextas-feiras para consultas.

Faz um ano que a escola solicitou, por escrito, aos pais que providenciassem laudo psicológico em razão das dificuldades de aprendizagem que o aluno tinha apresentado e devido ao comportamento agitado.

A primeira impressão que tivemos ao conhecer Heron foi achá-lo diferente, como se tivesse uma deficiência bem aparente. Vasta cabeleira negra, bochechas salientes, olhos grandes e fundos. Ao falar, às vezes, notamos salivação no canto da boca e observamos vários dentes encavalados. Guardamos esta imagem, mas nos preocupamos em não usá-la para fazer deduções antecipadas.

Reconhecer quando uma criança ou jovem apresenta uma dificuldade de aprendizagem, entretanto, já é um primeiro passo para não rotulá-la. Os rótulos exercem um efeito negativo sobre as competências que estão preservadas, uma vez que abalam sobremaneira a autoestima do sujeito. Lembrando que autoestima pode ser definida como uma descrição aprendida a respeito de si mesmo, principalmente nas relações de aprendizagem (POLITY, 2001, p.23).

Lembramos que a mãe já o tinha rotulado de preguiçoso, mesmo impensadamente, e não poderíamos deixar que as impressões desnorteassem nosso propósito de observação.

Ao se deparar com a caixa psicopedagógica, abriu em cima da mesa e ficou em pé retirando os materiais. O que é isso? Uma calculadora, respondi. Apertava os botões freneticamente. Mas não funciona? Quer que eu lhe mostre como deve fazer? Não quis. Retirou todo o material, às vezes manipulava algo, mas não se arriscava explorar, demonstrando falta de curiosidade. Percebemos o quanto é difícil para Heron criar algo, bem como aceitar sugestões. Quer fazer somente o que tem certeza que sabe executar, pois não aceita críticas, quer ser o melhor, sente dificuldade em dizer não sei, não compreendo, não entendi. Não é minucioso, nem tão pouco cuidadoso com as coisas, isto é, não sentou para explorar a caixa, ficou o tempo todo em pé, e ao retirar os objetos fazia com pressa e desastradamente. Tinha ímpeto em ver tudo, mas não se retinha em nada.

As diferentes teorias que discutem as dificuldades de aprendizagem, tanto no campo da psicologia como no campo da psicopedagogia, encontram entre elas um ponto de intersecção: o nível de afetividade do sujeito, determinando seu envolvimento com situações novas e ou desconhecidas, das quais não tem controle, impedindo sua penetração no mundo das ideias por falta de pulsão para o conhecimento. Consequentemente, recalando o saber (CHAMAT, 1997, p. 61).

Quando aplicamos a técnica projetiva do Par Educativo, Figura 1, em que a criança desenha uma situação de aprendizagem, onde alguém ensina e alguém aprende, Heron desenhou um professor ao lado do quadro negro e um menino pequenino na frente da lousa, aprendendo matemática. Apesar de ter nomeado o aprendiz como Anão, não se colocando na história, pode-se levantar a hipótese de que se sinta pequenino perante a professora, como a proporção demonstrada no desenho, indicando desvalorização e rejeição por si mesmo. Pontua que o aluno tem um ano de idade, o que pode demonstrar que se sinta um bebê, pois é assim que a família o trata, mas a escola cobra-lhe a postura de uma criança da sua idade.

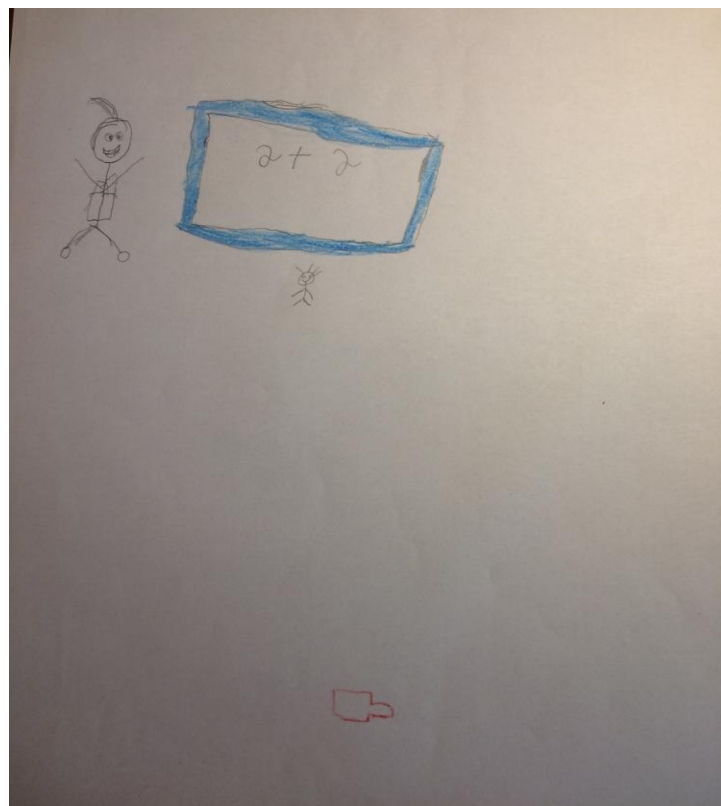


Figura 1 – PAR EDUCATIVO

No desenho da Família Educativa (os nomes foram omitidos por questões éticas), Figura 2, cujo objetivo é analisar a relação vincular entre seus membros, percebemos que Heron se coloca em primeiro lugar e em tamanho maior que os demais, os irmãos estão ao seu lado e os pais se encontram abaixo dos filhos e em menor proporção de tamanho, parecendo serviçais, disponíveis para atender os interesses dos filhos. Outro detalhe interessante é que tanto os irmãos, como os pais estão com as mãos para trás do corpo, sem possibilidade de agirem, somente ele

aparece com os braços ao longo do corpo e com a mão à mostra, parece demonstrar domínio sobre os demais.

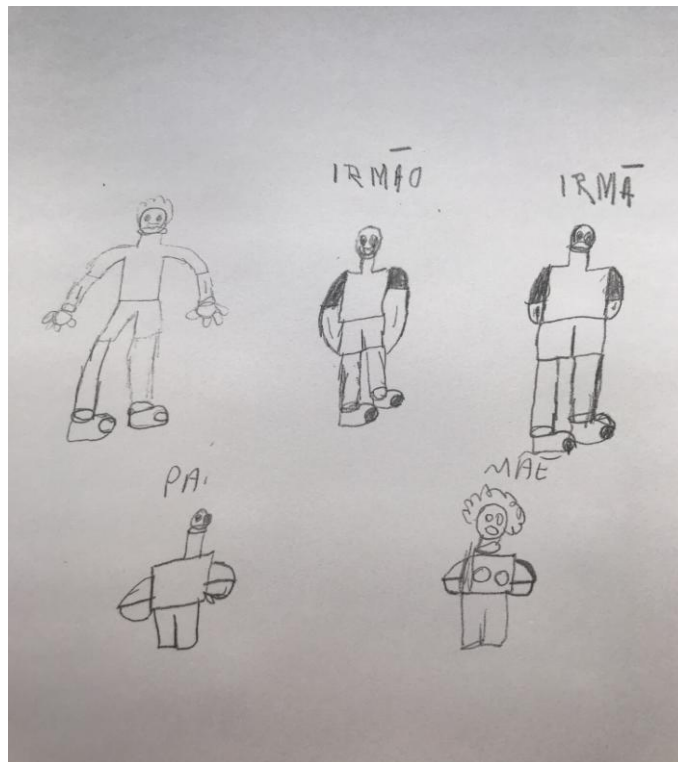


Figura 2 – FAMÍLIA EDUCATIVA

Ao pensarmos em autoestima, no caso do Heron, podemos levar em conta os aspectos confiança, capacidade cognitiva, ambiente escolar e familiar, imagem de si mesmo. Notamos então que no seio da família tem autoconfiança, mas no ambiente escolar tem uma percepção negativa de si próprio. Lembramos que o paciente tem várias camisetas de super-heróis, fazendo questão de mostrá-las.

No Jogo do Rabisco desenhou mais de uma vez o escudo do Superman, valorizando força, determinação e coragem, mas em mais de uma ocasião notamos sua dificuldade em falar que não sabe, justifica-se dizendo que esqueceu ou não lembra quando solicitado para resolver alguma questão de aprendizagem.

A autoestima está diretamente ligada à autonomia, se Heron não acredita ser capaz de pensar, consequentemente sente-se indeciso em fazer escolhas, responsabilizar-se pelas suas coisas, cuidar de si. A mãe reclama de a criança não tomar conta do material escolar, o coordenador critica a desorganização.

Foi-nos revelado até sua dependência em fazer a higiene pessoal, mas notamos a desorientação por parte da família em favorecer o desenvolvimento da autonomia.

Educar para a autonomia implica, fundamentalmente, em dar responsabilidades à criança, deixando, pouco a pouco, de fazer por ela o que já consegue fazer sozinha, ou deixar de intervir em situações que a criança já pode resolver por conta própria (MALDONADO, 1985, p.33).

Nas atividades lúdicas, Heron deixou bem claro que não gostava de seguir regras. Quando começava a perder mostrava-se impaciente, tentava trapacear, apresentava fala infantilizada. Durante uma partida de dama, queria andar para trás ou na horizontal, explicou-se o que não deveria fazer em algumas jogadas, para não ser eliminado. Perguntamos se na escola havia regras. Respondeu “não xingar, fazer silêncio e não usar celular”. E na sua casa há regras? “Não”. Quando começou a perder queria desistir. Reforçamos o conceito que nem sempre se ganha, mas nem por isso devemos desistir. Ficou contrariado com a derrota. Iniciamos um novo jogo, ludo, jogo de tabuleiro com corrida de peões, onde intercedemos algumas vezes, pois quando começava a contar as casas para mover o peão, fazia a partir da que já estava ocupada, indicamos que ele precisava começar a mover o peão a partir da próxima casa. Resiste em conhecer novos jogos, não tem paciência com explicações, desafios, concentração, fazendo-nos pensar o quanto é dolorido para ele lidar com as suas dificuldades de aprendizagem.

Ainda durante o processo de diagnóstico Heron começou a participar com mais interesse das sessões de psicopedagogia, explorava a caixa psicopedagógica, brincando de faz de conta e às vezes solicitava nossa ajuda para executar seus planos. Colaborava com mais atenção dos procedimentos psicopedagógicos que estávamos realizando, aos poucos se criava o vínculo possibilitando uma exposição mais livre e com maior autoria. Contou que era corintiano igual ao irmão mais velho, o pai era flamenguista. Mencionou que aos sábados faz aula de futebol. Disse que gostaria que o Corinthians não perdesse de nenhum time. Esclareceu-se que jogar significa brincar, divertir, aventurar-se e para isso precisamos entender que às vezes ganhamos e às vezes perdemos, se o Corinthians só ganhasse não encontraria outro time que quisesse jogar com ele. E assim não existiria o jogo. Perder nem sempre significa ser o pior, mas que se tem coragem em demonstrar o que se sabe

fazer e a prática é que nos faz aprender cada vez mais. Não falou nada. Na sessão seguinte, Heron aceitou brincar com o jogo Hora do Rush, e conseguiu solucionar a situação problema. A sua primeira reação foi perguntar se tinha conseguido acertar e com satisfação passou para o próximo desafio, mas melhor que esta satisfação foi a descoberta da sua capacidade de poder aprender.

[...] o jogo como estratégia de intervenção, é muito importante mencionar os elementos de investigação que essa atividade nos oferece, já que é a maneira de nos assegurarmos da eficiência dos procedimentos adotados. Além do mais, o efeito terapêutico está implícito no próprio ato de jogar e, mais precisamente, na interpretação do terapeuta, quando este, devidamente preparado, pode inferir o sentido latente que se mostra no jogo, pois ele funciona como uma via de expressão metonímica do desejo (BOSSA, 2011, p. 177).

Para o procedimento Coleção Papel de Carta de Leila Chamat (2010), que tem como objetivo levantar a capacidade do sujeito em estar se comunicando e os conteúdos expressados nessa comunicação; verificar a relação afetiva, o dar e o receber afeto; analisar a forma pela qual o sujeito percebe a sua problemática e sua percepção sobre a resolução de seus conflitos; verificar o nível de operatoriedade do sujeito e os esquemas de pensamento utilizados para resolver uma situação conflitante; obter os significados e os significantes “do aprender” para o sujeito e levantar a possível problemática afetivo-cognitiva e emocional que impede ou dificulta a aprendizagem, foram utilizadas seis lâminas com desenhos infantis, sugestionando os temas comunicação, vinculação afetiva, receber afeto, interação familiar, relação com a aprendizagem e prognóstico.

Heron descreveu a cena de cada lâmina sem envolver-se com a atividade, a descrição foi mínima, com pouco conteúdo e sem detalhes, manifestando a dificuldade que tem de expressar seus pensamentos e sentimentos, embora a emoção desponte timidamente na lâmina 2 (vinculação afetiva) e lâmina 3 (receber afeto), quando feito o inquérito. Na lâmina 4 (interação familiar) identifica-se com o pato que está nadando, longe de todos, fora da zona de conflito, indiferente ao aprendizado. Na lâmina 5 (relação com a aprendizagem) identificou-se com o gato que estuda, mas a escola não apresenta ambiente propício para tal, pois a bagunça desconcentra sua atenção. No tema prognóstico (lâmina 6), sentimos que tentou dizer que estava procurando equilibrar-se, não ser oito, nem oitenta, como conversamos algumas vezes em nossos encontros. Apesar de ter escolhido a

lâmina 1 (comunicação) como a sua preferida, negou-se a entrar em contato com o conteúdo da conversa ao telefone, bem como da carta recebida pelo “amigo Pedro Coelho”, mas percebe que o diálogo é importante para o aprendizado.

A escrita da história da lâmina escolhida foi menos extensa, comparada a narração realizada, omitindo algumas palavras. Não apresentou problemas para escrever, embora tenha separado o segundo “a” da palavra “para” por falta de espaço na mesma linha. A palavra “carteiro” também ficou espremida, pelo mesmo problema. Talvez não saiba ainda fazer a separação de sílabas. Nota-se que já se encontra na fase alfabética.

Relembrando Piaget (1969) que nos processos de construção do conhecimento define ESQUEMA como a sequência de ações físicas e mentais; ACOMODAÇÃO como modificação de esquemas, resultado de novas experiências; ASSIMILAÇÃO como absorver ou usar algo previamente aprendido, pode-se levantar a hipótese de que o modo pelo qual Heron relaciona-se com o conhecimento deve ser hipoassimilativo, isto é, não consegue transformar a realidade, incorporando nova ideia a um esquema e hiperacomodativo, ou seja, sente dificuldade em modificar esquemas para resolver novas experiências.

Podemos descrever a hipoassimilação como uma pobreza de contato com o objeto que redunde em esquemas de objeto empobrecidos, déficit lúdico e criativo. A hiperacomodação: pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. (FERNÁNDEZ, 1991, P.110).

O teste de leitura e escrita de palavras foi realizado com facilidade, apesar de alguns erros de grafia. Ao perguntar qual a palavra maior: boi ou aranha, teve a necessidade de contar as letras, e respondeu: aranha. Ao iniciar a leitura do texto “O Peixão e o Peixinho” para interpretá-lo comentou que já conhecia a história. Leu o texto, sem obedecer às pontuações e para as atividades de interpretação da leitura, não recorreu nenhuma vez ao texto, acertando em média de 35% das questões apresentadas. Nesta atividade notamos a impulsividade de Heron, respondeu as perguntas sem pensar no texto em si, mas na ideia que o texto produziu na sua mente. Ao sugerir que consultasse o texto para responder as questões, disse que não precisava.

Para realizar a prova de raciocínio lógico utilizou-se o livro “Os problemas da Família Gorgonzola” de Eva Furnari (2015). Este livro serviu como instrumento pelo

qual a criança por meio da leitura vai inteirando-se da vida familiar dos Gorgonzolas, ajudando-os a resolver os problemas do cotidiano a partir de operações matemáticas e respondendo facultativamente perguntas controversas sobre a questão. Ao iniciar a atividade Heron indagou sobre a quantidade de problemas. Respondemos que no livro tinha quatorze, mas não precisaríamos resolver todos. Perguntamos se poderia ler e solucionar pelo menos seis e ele concordou. Somente em um problema obteve resultado satisfatório, mesmo assim ao formularmos outra questão sobre o resultado não soube responder. Percebemos que não sabe reconhecer a classe decimal, mistura centena com dezena e unidade e o resultado não dá certo; não dá ouvidos para nossas instruções; usa a soma ao invés da multiplicação, não usa o lápis para realizar as contas, insiste em fazer as contas nos dedos, mas se atrapalha na contagem, chegando a um resultado incorreto.

Acreditamos que Heron precisa de foco, pois para ele ainda é difícil concentrar-se em uma atividade, principalmente envolvendo leitura (interpretar), raciocínio (fazer relações, refletir) e cálculo (computar). Após o término da atividade jogamos “Feche a Caixa”, atividade lúdica para estimular o cálculo mental. Teve maior atenção, obtendo bons resultados, mas sempre contando nos dedos.

No encontro seguinte, quando chegamos com a Caixa das Provas Piagetianas, Heron ficou curioso e foi logo perguntando o que faríamos. Respondemos que realizaríamos diversas experiências. Ao longo de três encontros de noventa minutos, realizamos as provas operatórias piagetianas, como: conservação e quantidade de líquido, inclusão de classes, conservação de matéria (massa), conservação de peso, conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, conservação de superfície, seriação de palitos, conservação de comprimento, além da mudança de critério (dicotomia). Apesar de Heron ter conseguido responder corretamente a maior parte das provas de conservação, reconhecemos que seu pensamento não é operacional ainda. Há dificuldade em interiorizar os esquemas, consequentemente sente dúvida qual ação tomar no momento de agir, fica confuso ao tentar assimilar as experiências vivenciadas, sendo assim, age algumas vezes intuitivamente, predominando um pensamento estático e rígido.

Na prova de inclusão de classes, examina-se o comportamento de classificação da criança e analisa-se como ela compreende a extensão das classes,

assim sendo, apresentamos para Heron três laranjas e dez bananas. Embora ele tenha afirmado que bananas e laranjas eram frutas, ao perguntarmos se havia mais frutas ou bananas, respondeu que havia mais bananas que frutas e se tirar as frutas, restarão bananas. Heron não conseguiu compreender que bananas e laranjas estavam englobadas no conjunto de frutas, errou na subtração de subclasse, notamos a ausência de qualificação inclusiva.

Na seriação de palitos, Figura 3, mostramos os dez palitos de comprimentos variados a Heron, após ele perceber que não eram do mesmo tamanho pedimos para que colocasse em ordem do menor para o maior ou do maior para o menor. Ele pegou os palitos e começou a mexer sem saber por onde começar. Então perguntamos se queria que demonstrássemos como fazer. Aceitou. Foi iniciada a seriação com três palitos para que ele desse sequência. Recomeçou a ordenação sem nenhum critério. Ao término os palitos ficaram parcialmente desordenados.

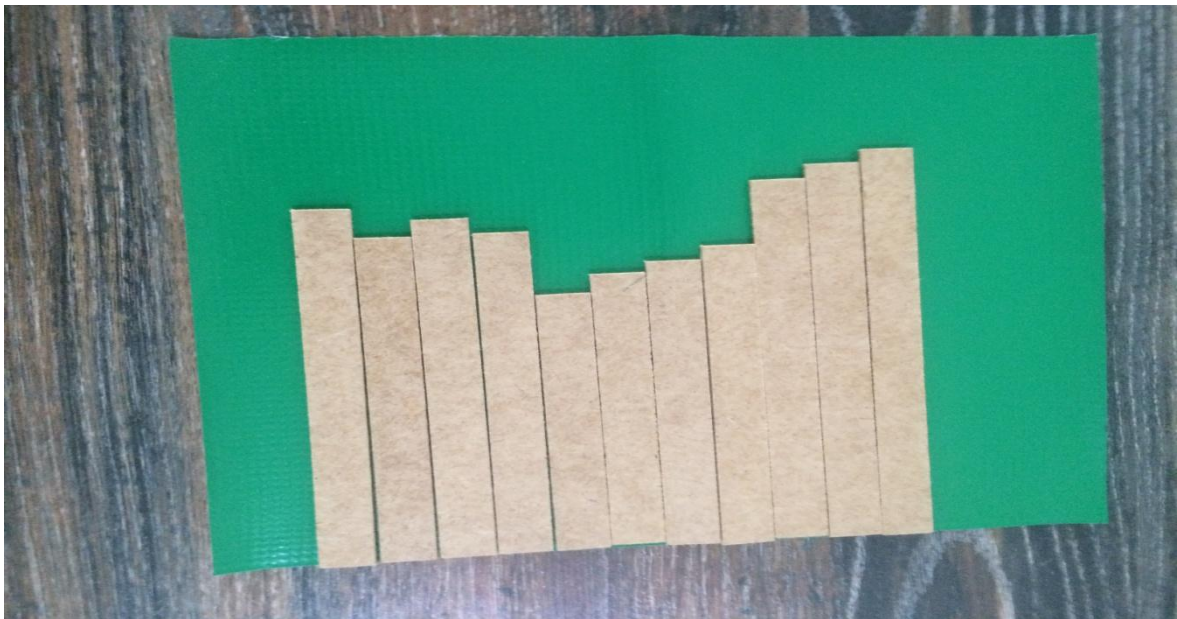


Figura 3 – SERIAÇÃO DE PALITOS

Observamos que Heron não conseguiu seriar e o pouco que fez foi aleatoriamente. Reconheceu que a atividade não estava certa, pronunciando: **“Eu sei, mas esqueci de como é. Esta parte está certa, e esta parte está errada”**.

Ao realizar a mudança de critério utilizou-se blocos lógicos que são peças geométricas divididas em quadrados, triângulos, retângulos e círculos com cores, espessuras e tamanhos diferentes, com o objetivo de avaliar a capacidade da

criança em classificar objetos. Heron nomeou as peças corretamente, em seguida, separou as peças pelo critério mais primitivo, pela cor. Pedimos que separasse de outra maneira, colocando juntas as que se parecessem. Selecionou os quadrados vermelhos e triângulos azuis. Porém, na caixa dos quadrados também tinha retângulos, além de não conseguir usar todas as peças. Pedimos para que fizesse uma terceira separação. Apartou todos os círculos grandes e todos os quadrados grandes. Posteriormente foi solicitado para que separasse por outro critério, pois novamente não tinha utilizado todas as peças, mas respondeu que não tinha outro jeito. Notamos que não há ausência total de dicotomia, mas encontra-se no nível intermediário, abaixo da média se comparado com crianças da mesma idade. Em nenhum momento comentou a espessura do material.

Nas provas de inclusão de classe, seriação de palitos e mudança de critério notou-se que não consegue fazer comparações mentalmente; o pensamento é dominado por percepções imediatas; há incapacidade de ter em mente mais de uma relação de cada vez, resultando assim em numerosas limitações no pensamento (Piaget, 1969). Assim, permanece inserido no estágio pré-operatório.

Vivenciamos treze encontros psicopedagógicos com Heron. Nesse período realizamos o Jogo do Rabisco de Winnicott, exploramos a Caixa Psicopedagógica, aplicamos as técnicas projetivas: Par Educativo e Família Educativa, executamos o procedimento Coleção Papel de Carta de Leila Chamat, concluímos as provas operatórias de Jean Piaget, observamos os processos de leitura e escrita, bem como do desenvolvimento do raciocínio lógico, além das intervenções com jogos, objetivando a criação de vínculo e observação da atenção, memória, criatividade, pensamento antecipatório, habilidade, respeito às regras, etc.

Observamos que Heron tem dificuldade de vincular-se aos compromissos e cumprir regras, pois possui as suas próprias regras internalizadas; não responde emocionalmente a sua faixa etária, faltando-lhe, talvez, um maior equilíbrio emocional. Por esta razão, talvez sua maturidade cognitiva não acompanhe algumas propostas apresentadas; outro ponto de relevância seria trabalhar com ele a consciência de si mesmo, por exemplo, melhorar os gestos, que muitas vezes são descontrolados (noção de corpo).

Propusemos aos pais estimular o filho com jogos e leituras; interagir contando sua história de vida; integrar a família com o intuito de a criança perceber melhor o

papel de cada membro; incentivar a independência, dando-lhe autonomia e responsabilidades. São ações que trarão suporte à criança, isto é, auxiliarão Heron a encontrar a si mesmo, pois ainda não percebe o seu papel no mundo, não compreende a importância da vida escolar, há lacunas a serem preenchidas.

Orientamos a continuar com o atendimento psicopedagógico, que o ajudará a construir seu conhecimento e encarar os estudos como algo bom e natural. Se possível realizar, paralelamente, o acompanhamento psicológico auxiliando-o entender suas emoções.

3 – O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO

"Surpreender-se por algo é o primeiro passo da mente em direção à descoberta."
(Louis Pasteur)

Foi gratificante perceber a disposição da mãe de Heron antes e depois do diagnóstico psicopedagógico. Aquela mulher desesperançosa, confusa no rumo a seguir, neste momento acredita-se capaz de conduzir o filho no caminho da aprendizagem. Felizmente os pais perceberam que estimular o filho é mais difícil que fazer por ele, porém a recompensa pelo trabalho será a autonomia da criança, adquirindo novas experiências.

Para provar que começou o ano com toda esperança pediu para continuarmos atendendo Heron, deixando a porta da sua casa aberta para nós. Foi fundamental a confiança que aos poucos fomos conquistando dos pais, sinalizando que estávamos indo pelo caminho certo.

Sara Pain (1985, p.72) observa que a tarefa psicopedagógica começa na devolução diagnóstica, na medida em que se trata de ensinar o diagnóstico, no sentido de tomar consciência da situação e de providenciar sua transformação. O não escrever com a letra cursiva, talvez esteja pautado na dificuldade de Heron aceitar as regras escolares, como também tentar cumpri-las, uma vez que em casa não há limite, além da dificuldade de coordenação motora. A falta de atenção na aula em parte se dá pela falta de capacidade em desenvolver atividades assimilativas-acomodativas, a desorganização fica reforçada pela rotina dos pais de fazerem tudo por ele e o comportamento infantilizado ratifica-se pela prática familiar de tratá-lo como criança mimada.

Sempre com o suporte da supervisão, continuamos os atendimentos psicopedagógicos de Heron. Durante sete meses, realizamos 26 sessões que tiveram como objetivo: trabalhar a interpretação de texto, com a finalidade de ampliar o vocabulário, incentivar a leitura, produzir texto; vivenciar a matemática, com a intenção de vincular exercícios da sala de aula com atividades do dia a dia, despertar interesse pela matéria, criar estratégias, resolver problemas, desenvolver o raciocínio lógico e realizar atividades lúdicas, com o intuito de despertar o planejamento, organização, iniciativa, persistência, elaboração de estratégias, atenção, formalizar conduta diante de regras e frustrações.

Considerando a queixa da mãe, dando ênfase ao não escrever com letra cursiva, procuramos regularmente solicitar à criança que escrevesse o nome em letra de mão, juntamente com a data na produção das atividades. Notamos que lentamente, mas progressivamente Heron deixava-se envolver pelo modo trabalhoso de grafar, que inicialmente apresentava traçado bastante ilegível e letras de tamanhos irregulares.

Descreveremos algumas atividades e comportamentos do menino que foram nos direcionando no nosso fazer psicopedagógico, dando-nos prognósticos para as sessões seguintes. Neste ato de planejar nem sempre obtivemos sucesso nas nossas escolhas, mas conseguimos entender que mesmo a prática programada deve ser flexível, não implicando necessariamente no seu cumprimento.

Um espaço importante de gestação do saber psicopedagógico é o trabalho de autoanálise das próprias dificuldades e possibilidades no aprender, pois a formação do psicopedagogo, assim como requer a transmissão de conhecimentos e teorias, também requer um espaço para a construção de um olhar e uma escuta psicopedagógica a partir de uma análise de seu próprio aprender (FERNÁNDEZ, 1991, p.130).

Ao trabalharmos a consciência fonológica utilizamos o livro Travadinhas (2011) de Eva Furnari, juntamente com recortes de figuras que terminavam ou começavam com o mesmo som e a seleção de palavras que rimavam entre si. Notamos um pouco de dificuldade do Heron em juntar as palavras com o mesmo som no final, porém impressionou ao versar rimando uma situação vivenciada na escola.

**“Olha para um lado
Olha para o outro
E não presta atenção
E se mete em confusão”**

Com o decorrer das sessões, parou de negar a leitura, a mãe disse que nas férias realizaram várias leituras juntos. Pedimos para Heron ler o livro Pedro Vira Porco-Espinho (2017) de Janaina Tokitaka. Ao final da leitura perguntamos: - Heron, quando você vira porco-espinho? Escreveu:

“Quando eu me transformo em porco espinho eu fico bravo e brigo e continuo brigando sem parar e choro e brigo sem parar até que a minha mãe deixa fazer o que eu quero fazer”.

Colocar limites, assim como a autoexpressão e o confronto, é uma maneira de ajudar a criança a modificar seu comportamento sem prejudicar sua autoestima. Consiste, essencialmente, em “delimitar o terreno”, para que a outra pessoa saiba onde está pisando ou, em outras palavras, possa discernir claramente o que é permitido e o que é proibido (MALDONADO, 1985, p.106).

Heron sabe que sua mãe é permissiva e aproveita-se dessa situação. Conversamos com a mãe da necessidade de impor limites e regras para Heron, sem esquecer que deverá ser firme na sua posição, falando com determinação, de modo claro e conciso. Sentimos a dificuldade da mãe em reprimir o filho, talvez por achá-lo frágil e imaturo para atender seus atos.

Observamos ainda que às vezes ao reproduzir as histórias lidas, o paciente expunha as informações pela metade, não dando sentido à frase e quando solicitávamos o complemento indicando que tinha lagunas, não sabia contar os detalhes. Em outros momentos descrevia o texto lido com particularidades que não se encontravam na produção original. Em ambos os momentos relíamos a literatura com Heron apontando minúcias e fatos da obra.

Entendemos que a dificuldade do desenvolvimento das funções psicológicas superiores de Heron, como atenção, memória, pensamento e linguagem poderiam ser ampliadas se a família diversificasse as relações sociais. Notamos que o universo do garoto é restrito entre família e escola. A integração com pessoas diferentes das quais convive habitualmente poderá despertar e incentivar novas habilidades, indo além das suas limitações. Parece que o meio social ao qual Heron participa atualmente não colabora para o seu desenvolvimento intelectual, observamos nos pais o desejo de permanecer isolados socialmente.

[...] embora a dificuldade de aprendizagem esteja ligada a múltiplos fatores internos do sujeito, é sobremaneira sustentada pelo meio familiar, escolar, social, no qual o sujeito está inserido. E que a forma como os diferentes sistemas, em especial a família, definem essa dificuldade terá um papel decisivo na evolução do caso (POLITY, 2001, p.51).

Ao término de uma das nossas primeiras sessões a mãe de Heron pediu para que eu lhe ensinasse conta de dividir, fez a lição de casa com o filho, mas tinha dúvidas. Explicamos todas as operações, pois percebemos sua dificuldade em entender alguns conceitos numéricos. Em seguida solicitamos o caderno para verificar a lição, notamos que todas as contas resolvidas, sem exceção, estavam

erradas. A mãe chamou o garoto e disse que precisariam refazer o dever de casa. Heron surtou, começou a chorar alto, pedindo para não apagar, pois já tinha feito a lição e não queria refazer. Buscamos acalmar o garoto, mas ele chorava de soluçar. Só acalmou quando a mãe disse que não precisaria fazer naquele momento, mas antes de ir para a escola no dia seguinte.

Na sessão seguinte conversamos com Heron sobre responsabilidade. Fizemos um quadro comparativo dos direitos e deveres de uma criança com três anos de idade e outra com dez anos. Procuramos demonstrar que a fala infantilizada, dependência para higiene pessoal, choro frequente e birras são comportamentos de crianças menores. Uma criança com dez anos tem capacidade de agir diferente, sabe conversar, frequenta a escola, tem deveres a realizar e capacidade de ajudar nas tarefas de casa

No decorrer das sessões seguintes procuramos discutir com Heron a importância do ensino da matemática através do lúdico, buscamos primeiramente brincar com os conceitos de soma e subtração, uma vez que são operações básicas exigidas na sala de aula, mas notamos que ainda não estavam internalizados na mente de Heron.

Diante da dificuldade de lidar com os números utilizamos o material dourado, bem como o uso de tampinhas de cores e tamanhos variados, onde cada cor representava um valor. No início Heron utilizava os dedos e sempre começava a contagem a partir do número um, pois não conseguia contar a partir da quantidade de um dos números já conhecidos. Quando pedíamos para comparar quantidades, frequentemente perguntava: é conta de mais ou conta de menos?

Utilizamos bastante o jogo Fecha Caixa, no qual lançamos dois dados para ir fechando os números expostos no tabuleiro. Achamos muito curioso que o paciente somava com facilidade a soma dos dados lançados, mas tinha dificuldade de identificar a soma dos números do tabuleiro, inclusive somar números pequenos, cuja soma não ultrapassava dez. Talvez tenha gravado a quantidade de bolinhas com o respectivo número, uma vez que utilizava os dados em vários jogos.

Heron gostava muito de brincar de STOP, jogo que consiste em uma tabela com colunas e em cada coluna uma categoria de palavras que são preenchidas com a letra inicial sorteada pelos participantes, no final ganha quem conseguir preencher

a maior quantidade de colunas com palavras diversificadas. Nesta brincadeira levávamos mais tempo em somar os pontos do que preencher as colunas.

Não era em toda sessão que Heron estava disposto a pensar nos números, quando começava a coçar a cabeça, levantar para tomar água, balançar as pernas batendo os pés no chão, entendíamos que era momento de mudar o foco.

[...] o pensar impõe ao sujeito situações novas e desconhecidas, que geram dor e desequilíbrio. Estas, por sua vez, só podem ser enfrentadas a partir de uma crença em si mesmo, motivado pelo desejo, em detrimento do medo (CHAMAT, 1997, p.63/64).

Por outras vezes desafiava-se, pedia para jogar a HORA DO RUSH que consiste em retirar um carro de um trânsito intenso, cercado por outros carros de todos os lados. Desafio que estimula a memória de trabalho, planejamento mental e elaboração de estratégias. Percebemos que quando Heron começou a se interessar por este jogo, não prestava atenção, simplesmente movia as peças de maneira desordenada. No entanto, na sua última partida, notamos movimentos mais cautelosos e reflexivos. Comentamos o seu progresso, sentiu orgulho de si mesmo.

O psicopedagogo deve apresentar-se como alguém que pode acolher, compreender e esperar, alguém que pode entender de histórias de medos, de dores, de não saber, de não poder aprender sobre si, sobre sua história e sobre os conteúdos escolares (SILVA, 2015, p.30).

Marcamos um dia para analisarmos o caderno de Heron. Seria a segunda vez que realizaríamos este movimento e sentíamos que esta ação o incomodava um pouco, talvez tivesse receio de alguma observação depreciativa, uma vez que estava tomando consciência lentamente da sua responsabilidade em zelar pelo material escolar. O caderno tinha páginas mais utilizadas, comparada ao do ano anterior, porém apresentava muitas lacunas, principalmente na parte de matemática. Não tinha as datas das atividades, havia enunciados de problemas sem a resolução dos mesmos, respostas sem enunciados, alguns desenhos nos meios da matéria da aula e muitas folhas em branco entre uma data e outra. Para cada pergunta que fazíamos tinha uma resposta não convincente, por exemplo, quando fizemos a observação das folhas em branco, respondeu que a professora do segundo ano falava que não deveria deixar folhas em branco, a professora do terceiro ano também tinha avisado, mas a atual professora, do quarto ano, não tinha alertado nada. A mãe que da outra sala escutava a nossa conversa, no final da sessão

desabafou: - **Eu já tinha conversado com ele sobre as folhas em branco, mas vejo que devo sempre repetir, repetir, repetir.**

Notamos angustia na mãe de Heron em admitir o comportamento do filho, parece que existe um sentimento de culpa por não aceitá-lo, desejar que seja diferente, mas ao mesmo tempo sente-se vítima dessa situação, pois apesar do esforço despendido não nota o resultado esperado nas ações do filho. Tentamos mostrar para a mãe que não é somente uma questão de repetir, mas conversar com paciência, olhar todos os dias o caderno, fazer referências positivas, demonstrar ao filho que este tem capacidade de fazer melhor, dar feedbacks positivos. Heron necessita de um motivador contínuo.

O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início da vida, pois cria elos necessários à ação coletiva. Com o passar do tempo, o sujeito deve ser levado a buscar a apreensão de si mesmo. O que frequentemente se observa nessas famílias, entretanto, é a dificuldade de permitir mecanismos de avanço que levem o indivíduo à autonomia, criando vínculos mútuos de dependência e paralisação (POLITY, 1998, p.100).

Outra questão que devemos levar em conta é a frustração que a família carrega nos ombros, principalmente os pais. No pensamento da família há uma criança idealizada, mas ela não existe, necessita ser enterrada, abrindo espaço para Heron assumir o seu lugar. O pai aparentemente nega o problema de aprendizagem do filho, reclama da desatenção, da falta de autonomia, não revisa as lições de casa com o garoto e critica a esposa por sua permissividade. A mãe parece estar depressiva, sente-se impotente diante da situação, pois quando o garoto supera uma dificuldade a genitora percebe outros obstáculos a vencer. Os irmãos hesitam na raiva, não disponibilizam tempo para auxiliá-lo nos estudos, rotulam-no de mimado, mas ao mesmo tempo não colaboram para sua individualidade e autonomia.

Em todas as sessões os jogos estiveram presentes, são ferramentas indispensáveis na intervenção psicopedagógica, fortalecem o vínculo entre o paciente e o psicopedagogo, além de trabalhar o foco, exercitar a resolução de problemas, aumentar a autoconfiança, organização, e outros benefícios para desenvolver o raciocínio e relaxar a mente. Heron sempre mostrava entusiasmo diante de uma nova caixa, além dos jogos citados no decorrer do atendimento, utilizamos na nossa prática Damas (regras e frustrações), Uno (desafio e atenção),

Dobble (agilidade, visualização e controle inibitório), Lince (memória visual, atenção difusa, rapidez no gesto), Rummikub (raciocínio, atenção, sequência numérica), Futebox (estratégia e resistência a regras), além de Jogos de Memória.

Tivemos a oportunidade de passearmos com Heron pelo centro da cidade, deixamos este dia marcado antecipadamente, quando chegamos para apanhá-lo notamos o semblante preocupado da mãe, era a primeira vez que o filho saía sem a companhia de algum membro da família. Nosso destino era visitar algum sebo, ver vitrines e tomar sorvete. Chegando ao sebo deixamos Heron à vontade. Ele se encantou pelas fitas de vídeo game, perguntou o preço, murmurou que iria pedir dinheiro ao pai. Convidamos o garoto para subir as escadas e conhecer o setor de literatura juvenil, não houve o mesmo entusiasmo ao deparar-se com enormes prateleiras abarrotadas de livros. Encantou-se por um livro de capa dura com histórias dos super-heróis X-MEN e MARVEL, folheou um livro sobre futebol e sentou-se. A atendente da loja puxou conversa, perguntou a idade dele e apontou alguns livros que achava interessantes, mas Heron não demonstrou curiosidade. Procurando por algum livro para lhe dar de presente encontramos Os porquês do coração de Conceil Correa da Silva, conta a história de uma menina curiosa que ganha um peixinho de presente, que se torna seu melhor amigo. Levamos também o livro dos super-heróis, o qual Heron pediu para embrulhar para presente. Andamos pelas ruas observando vitrines, conversando sobre os preços das mercadorias, nomes das ruas, arquitetura dos edifícios, transeuntes que caminhavam em todas as direções. Chegamos à sorveteria, o garoto optou por um Top Sundae, mas não era para falar para a mãe dele que ele tinha escolhido, porque aquele sorvete era grande e caro. Ao pegar o sorvete na mão queria nos dar a sacola com seus livros, mas indicamos que também carregávamos nossos livros, dessa forma, ele deu um jeito de enfiar a sacola no braço e segurar o sorvete com a mão. Durante o nosso passeio, que durou aproximadamente noventa minutos, a mãe telefonou três vezes.

Na última vez que nos vimos Heron estava muito feliz, seu olhar não era o mesmo, estampava um brilho de confiança em si mesmo. Com um enorme sorriso, pulando e mexendo os braços, seu jeito peculiar de expressar ansiedade, falou que tinha sido elogiado pela professora de educação física. Sentamos e atenciosamente pedimos para que nos contasse os detalhes. Disse que no jogo de queimada ficou prestando muita atenção, conseguiu perceber o movimento da bola, acompanhando

cada jogada, arregalava os olhos e virava a cabeça de um lado para o outro, demonstrando-nos a sua tática de atenção. Então a professora percebeu o seu empenho e disse que gostou da atuação dele na aula, estava realmente concentrado no jogo e por esta razão nenhum colega conseguiu atingi-lo com a bola e lhe deu parabéns.

Na teoria wallonianna, o professor desempenha um papel ativo na constituição da pessoa do aluno. Como a teoria enfatiza a pessoa com as dimensões afetiva, cognitiva e motora integradas e se nutrindo reciprocamente, o professor deve basear sua ação fundamentado no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento cognitivo, e vice-versa. A teoria pressupõe uma íntima relação entre emoção e cognição, logo o professor precisa criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa (ALMEIDA, 2010, p.126).

Pedimos para Heron nos dizer o que ele sentiu com o elogio da professora. Respondeu prontamente que se sentiu feliz. Insistimos, o que mais? Disse: contente. Queremos mais sentimento, retrucamos. Então, Heron, sorriu e falou: alegre! Colocamos a mão no seu peito e pedimos que sentisse o que seu coração queria dizer. Então olhou nos nossos olhos e nos abraçou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, fiz uma rápida apresentação de um estudo de caso em Psicopedagogia. Com muito cuidado pontuei as considerações a cada sessão e procurei ser fiel ao meu sentimento, pois acredito que o psicopedagogo deve confiar no olhar que deposita em cada paciente, buscando meios para auxiliá-lo. Mergulhei fundo nos problemas de aprendizagem do Heron, criou-se uma empatia. Tenho consciência que o sentimento não é o bastante na elaboração de um diagnóstico e realização das intervenções psicopedagógicas. A teoria é essencial, ratifica minha ação e é estimulante quando deparo com a explicação teórica de ações realizadas pelo paciente, fazendo-me entendê-lo melhor.

A palavra paciente vem do latim “patientem” que significa o que sofre, o que padece. E mais de uma vez percebi em Heron a dor causada pela dificuldade do não aprender, a busca por uma resposta que estava diante dos seus olhos, mas não conseguia enxergar, nem tão pouco compreender o que fazer.

Durante algum tempo me dediquei à alfabetização de adultos e na tentativa de amenizar a angústia dos alunos resolvi cursar psicopedagogia. Nesta troca de experiências vividas e que revivo com a minha formação, vou construindo meu ethos, acredito que é uma busca incessante, e a cada ano agrego recursos que me auxiliam a aprender quem sou.

O Heron com certeza fará para sempre parte desta conquista, assim como a primeira professora, pois é impossível esquecer aqueles que nos redirecionam o caminhar, assim como a família, dentro da qual a história de todos começa.

Neste trabalho, coloquei a família como agente ativo no processo do diagnóstico e atendimento psicopedagógico, porque acredito que o aprender está ligado emocionalmente ao sistema familiar. Segundo Fernández (1991, p.48), “o aprender transcorre no seio de um vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe-pai-filho-irmão”. Heron filho caçula, com uma irmã adolescente e um irmão adulto, não foi encorajado a aprender, houve uma superproteção que o cercou em uma redoma, não estimulando o seu desenvolvimento emocional.

Percebe-se que a cada dificuldade enfrentada por Heron, havia alguém para ajudá-lo a transpor o obstáculo, mas sem estimulá-lo a enfrentar a situação. Demorou em dar os primeiros passos, à aquisição da linguagem, fazer a higiene pessoal, realizar a tarefa escolar. Criou-se uma dependência total da criança com a família, inibindo sua autonomia e conseqüentemente também seu desenvolvimento cognitivo.

Ao envolver a família neste trabalho de atendimento psicopedagógico procurei sensibilizá-la a perceber em Heron um ser capaz de responder por seus atos, deixando aos poucos de fazer por ele o que consegue realizar sozinho e permitindo que faça suas escolhas e responda pelas conseqüências, isto é deixá-lo sair da dependência para a autonomia.

Quanto ao seu desenvolvimento cognitivo notou-se um rendimento abaixo da média, se comparado com crianças da sua idade. Como há solicitação da escola para uma avaliação psicológica, foi alertado aos pais que pode parecer negligência a falta de uma resposta à instituição. Porém, o diagnóstico psicológico tem a probabilidade de se tornar uma faca de dois gumes: existe a possibilidade de a família usar o resultado como orientação para uma ajuda mais específica ou como desculpa para não insistirem na aprendizagem da criança.

Ao realizar o diagnóstico psicopedagógico aponto a hipótese de que a modalidade pela qual Heron relaciona-se com o conhecimento deve ser hipoassimilativa/hiperacomodativa, entretanto observa-se ser uma propensão que pode sofrer oscilação conforme as atividades realizadas, principalmente porque nota-se um excelente desenvolvimento emocional do paciente durante o atendimento psicopedagógico. Convém ressaltar que não se garante um desenvolvimento linear, mas fluxos e refluxos para a construção do seu conhecimento, pois como pessoa não é estático, está aprendendo a encontrar o equilíbrio entre os movimentos assimilativos e os acomodativos.

Nota-se Heron mais calmo, observador, confiante, interessado e participativo nas atividades realizadas nas sessões psicopedagógicas, nas tarefas escolares com a família e na escola, onde a professora observou melhoras no seu comportamento. Torna-se evidente que a harmonização do conjunto afetivo, provoca reações positivas também no conjunto motor e cognitivo, pois todos eles se integram formando um quarto conjunto, a pessoa (Almeida, 2010).

A família está aprendendo a dar responsabilidade ao caçula, o que vem a ser o início da aceitação de Heron como uma pessoa capaz.

Esta intervenção durou sete meses, o garoto agora escreve com letra cursiva, esta ação proporciona uma alegria imensa para sua mãe, porque ratifica a capacidade de aprendizagem do filho, embora neste momento ela perceba outras dificuldades a serem vencidas.

Gradativamente a família está resignificando a dificuldade de aprendizagem de Heron, isto implica em abandonar crenças e rótulos e incluí-lo na família como um ser pensante, apto para construir sua própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BEARD, Ruth M. **A psicologia de Piaget e suas aplicações educacionais**. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil contribuições a partir da prática**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAMAT, Leila Sara José. **Guia para avaliação das dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 2010.

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 1997.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança!**. São Paulo: Cortez, 2015.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FURNARI, Eva. **Os problemas da Família Gorgonzola**. Ilustração da autora. São Paulo: Moderna, 2015.

FURNARI, Eva. **Travadinhas**. Ilustração da autora. São Paulo: Moderna, 2011.

FURNARI, Eva. **Você Troca?** Ilustração da autora. São Paulo: Moderna, 2011.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARIA, Ana. **O olhar do observador**. Disponível em: <http://anamariacoord.blogspot.com/2004/06/o-olhar-do-observador.html>. Acesso em: 28 nov. 2019.

PAÍN, Sara. **Diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1985.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de aprendizagem e família: construindo novas narrativas.** São Paulo: Vetor, 2001.

POLITY, Elizabeth (org.). **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico.** São Paulo: Empório do Livro, 1998.

ROCHA, Ruth. **Bom dia, todas as cores.** Ilustração Madalena Elek. São Paulo: Richmond Educação, 2018.

ROSAS, Maria. **Meu filho tem déficit de atenção.** Tradução All Tasks. São Paulo: Centage Learning, 2010.

SILVA, Conceil Corrêa da; SILVA, Nye Ribeiro. **Os porquês do coração.** Ilustrações Semíramis Paterno. São Paulo: Editora do Brasil, 1995.

SILVA, Galeára Matos de França; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (orgs.). **Estudos de caso em psicopedagogia: da escuta à escrita.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

TOKITAKA, Janaina. **Pedro vira porco-espinho.** Ilustração Janaina Tokitaka. São Paulo: Jujuba, 2017.

TOLEDO, Nana. **Casa dos Sentimentos.** Ilustrações de Boris Blumenau: Gato Leitor, 2015.

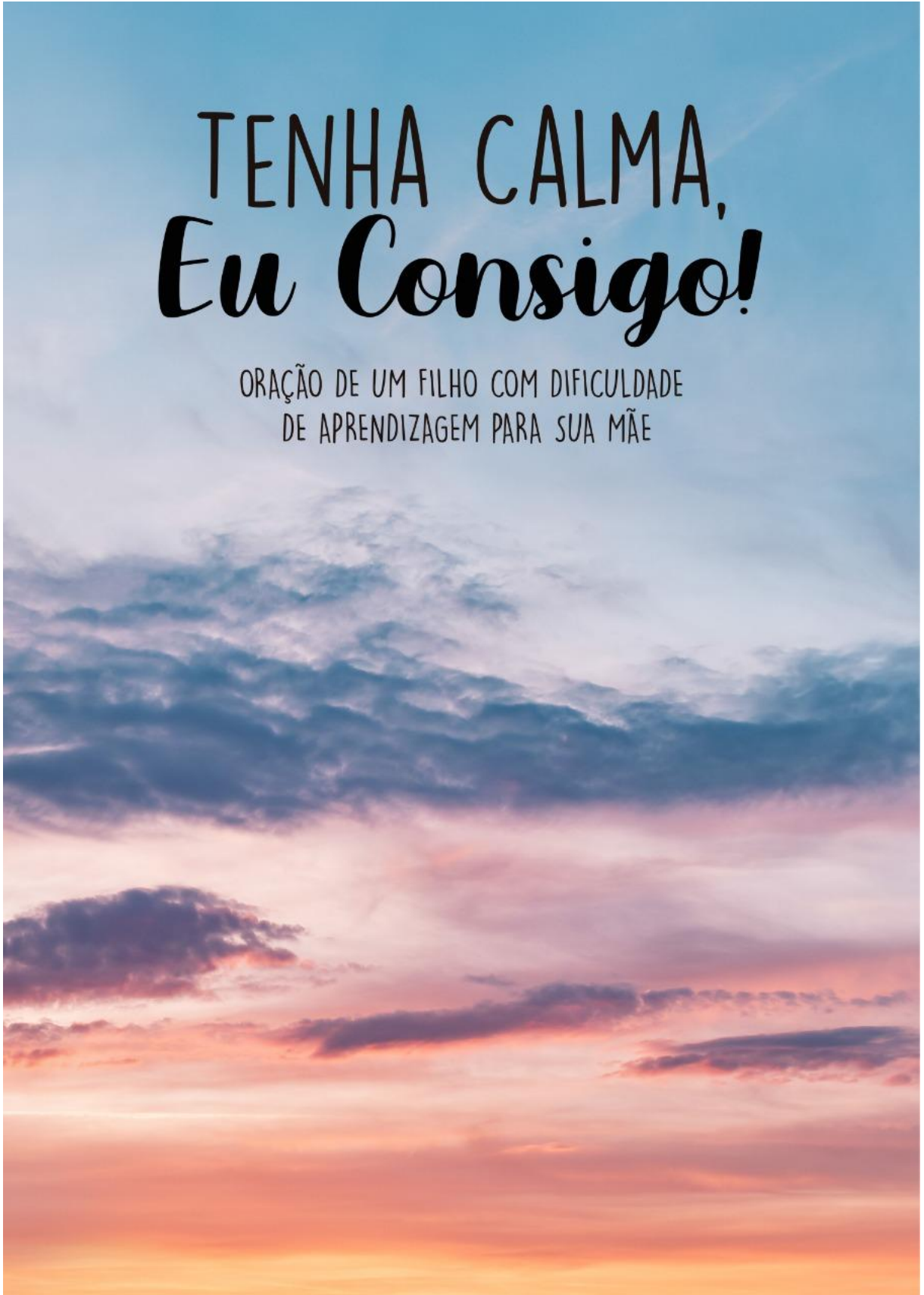
APÊNDICE

A ansiedade é um sentimento que faz parte do ser humano, principalmente em situações que não podem ser controladas. Nestes momentos geralmente as pessoas se apegam tanto ao resultado final sem perceberem as pequenas conquistas.

Com o intuito de atenuar a ansiedade da mãe de Heron no processo de aprendizagem do filho, foram pontuadas em forma de livreto, em anexo, as conquistas, as dificuldades que estão sendo superadas e obstáculos que poderão surgir, pois o aprendizado nunca termina, e embora problemas possam aparecer não significa que não consigam ser solucionados.

TENHA CALMA, *Eu Consigo!*

ORAÇÃO DE UM FILHO COM DIFICULDADE
DE APRENDIZAGEM PARA SUA MÃE



MÃE, EU TINHA MEDO DE ANDAR, PORQUE
TINHA MEDO DE CAIR E ME MACHUCAR.



MAS CONSEGUI QUANDO FIZ DOIS ANOS E MEIO.

MÃE, NÃO TINHA INTERESSE EM FALAR,
PORQUE HAVIA UMA LINGUAGEM PRÓPRIA ENTRE NÓS.



MAS CONSEGUI BALBUCIAR AS PRIMEIRAS PALAVRAS
AOS TRÊS ANOS.

MÃE DEMOREI PARA FAZER MINHA HIGIENE PESSOAL SOZINHO, PORQUE É MAIS FÁCIL PEDIR A SUA AJUDA.



MAS CONSEGUI ENTENDER QUE JÁ SOU UM GAROTO GRANDE E PRECISO APRENDER A CUIDAR DE MIM.

MÃE NÃO GOSTAVA DE LER, PORQUE AS HISTÓRIAS
EMBARALHAVAM NA MINHA CABEÇA E NÃO
COMPREENDIA NADA.



MAS CONSEGUI GOSTAR DE LER, PORQUE VOCÊ, O PAPAI,
MEUS IRMÃOS E A PSICOPEDAGOGA ME ENCORAJARAM A LER
LIVROS PEQUENOS E INTERESSANTES.

MÃE DESCULPE MINHA REBELDIA AO REALIZAR
AS TAREFAS ESCOLARES.



MAS EU CONSIGO FAZÊ-LA QUANDO VOCÊ
SENTA AO MEU LADO.

MÃE AINDA TENHO DIFICULDADE EM ESCREVER COM
LETRA CURSIVA, PORQUE É COMPLICADO PARA MIM,
FALTA-ME COORDENAÇÃO MOTORA.



MAS CONSIGO QUANDO PERSISTO, SUPERANDO
MINHA INABILIDADE.

MÃE, NÃO GOSTO DE SER CONTRARIADO, PORQUE
NÃO SEI LIDAR COM A FRUSTRAÇÃO.



MAS CONSIGO QUANDO LEMBRO QUE A VIDA É UM JOGO,
ÀS VEZES PERDEMOS, ÀS VEZES GANHAMOS.

MÃE DISTRAIO COM MUITA FACILIDADE, PORQUE HÁ
MUITAS INFORMAÇÕES A MINHA VOLTA.



MAS VOU CONSEGUIR, POIS ESTOU APRENDENDO A TER ATENÇÃO
E CONCENTRAÇÃO COM A AJUDA DA PSICOPEDAGOGA.

MÃE NÃO GOSTO DE CORRIGIR A LIÇÃO, NEM LER AS INSTRUÇÕES, PORQUE É MAIS INTERESSANTE BRINCAR.



MAS VOU CONSEGUIR, POIS ESTOU TOMANDO CONSCIÊNCIA QUE A VIDA TEM REGRAS E SE NÃO AS ACEITAR POSSO ME DAR MUITO MAL.

MÃE NÃO GOSTO DE MATEMÁTICA, PORQUE TENHO QUE
REALIZAR UM GRANDE ESFORÇO MENTAL.



MAS VOU CONSEGUIR, POIS QUANDO ME EXPLICAM TUDO
PASSO A PASSO FICA TUDO MAIS FÁCIL.

...

MÃE TENHO DIFICULDADE DE ESPERAR A MINHA VEZ,
PORQUE NÃO TENHO PACIÊNCIA.



MAS VOU CONSEGUIR, POIS O SEU AMOR ME
ENSINA A CADA DIA SER MAIS PACIENTE E
MENOS ANSIOSO.

MÃE,

VOCÊ JÁ DEVE TER PERCEBIDO
QUE NÃO TENHO PRESSA,
TENHO MEU PRÓPRIO RITMO.
PRECISO DO SEU ESTÍMULO,
SUA ATENÇÃO, SEU TEMPO.

RESPIRE FUNDO,
CONFIA EM MIM,
SIGAMOS JUNTOS.



TENHA CALMA, EU CONSIGO!

